

A Técnica no Pensamento de Martin Heidegger
THE TECHNIQUE IN MARTIN HEIDEGGER'S THINKING
*Dulce Critelli**

* Professora do departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Nosso objetivo, aqui, é delinear pontos estruturais da reflexão de Heidegger a respeito da técnica¹. Início lembrando que muitos autores consideram a técnica uma derivação da ciência e não raras vezes acabam por identificar uma à outra, mas não é este o ponto de vista de Heidegger.

Certamente existe uma proximidade entre ciência e técnica, mas essa proximidade não constitui uma identificação entre ambos os fenômenos. Embora interligadas, para Heidegger a ciência e a técnica são fenômenos autônomos. O que há de comum entre ambas é a origem de onde provêm. E esta origem o pensador descreve como a decisão metafísica sobre a essência do ente e da verdade do ser, que remonta a Platão e a Aristóteles.

A *decisão* é para Heidegger uma expressão recorrente, através da qual ele se refere à ocorrência de uma polêmica em torno de uma questão fundamental que foi resolvida mediante uma escolha. A decisão metafísica referida determina o caminho do pensamento a ser seguido e erige, assim, o princípio e o caráter de uma época. Trata-se, portanto, de uma escolha epocal, de uma decisão histórica que orienta, no caso do nosso tema, a demarcação da essência da técnica e da ciência.

A decisão da metafísica sobre o ente e a verdade do ser origina, segundo Heidegger, a interpretação do ente como objético. Ela trata o ente a partir de sua pura objetividade. Os entes estão aí como meras coisas e a verdade do seu ser corresponde à definição que o intelecto (metodologicamente) constrói a seu respeito. A decisão da metafísica sobre o ente e a

¹ As questões aqui tratadas tem como referência em especial o artigos de Heidegger “A Questão da Técnica”, publicada no livro - Ensaio e Conferências, Ed. Vozes, Petrópolis, 2002, trad, Emanuel Carneiro Leão

verdade delimita, também e com efeito, sobre o que cabe ao pensamento pensar e o modo de sua operação. Grosso modo, o pensar deverá definir o ente, mas a partir da sua objetividade. Esta tese é corroborada por Descartes que interpreta a verdade sobre o ente/ser como a certificação a seu respeito, perfazendo-se como representação.²

Estas decisões metafísicas sobre o ente, a verdade do ser e o pensamento, originam e estruturam a essência da técnica e da ciência.

Outro aspecto estrutural das considerações de Heidegger sobre a técnica está na distinção que ele opera entre as duas dimensões primordiais do fenômeno: a técnica antiga, tal como os gregos a interpretavam e empreendiam, e a técnica moderna, cujo início repousa na física matemática.

A técnica antiga tem como principal característica ser ela mesma um desvelamento de algo, em trazer à luz o que estava escondido. Implica num saber, o saber de desvelar algo, para expô-lo em sua plenitude, para levá-lo à sua consumação. Esse saber desvelar pode tanto ser o de um artista, quanto o de um artesão. Pode ser mesmo o de um pensador, à medida que o pensar é desvelador (*aléthea*), que a *téchnè* do pensamento é a revelação.

A partir da idade moderna e do desenvolvimento da física matemática, a característica fundamental da técnica sofre uma alteração, ela deixa de ser desvelamento para ser intervenção. De um saber operar o desvelamento a técnica se torna um saber intervir. Isto quer dizer que o

2 cf. Martin Heidegger, *A época da Imagem do Mundo* in, *Sendas Perdidas*, Ed. Losada, B. Aires, 1960, trad José Rovira Armengol, 3ª. Ed.

homem adquire o poder, a exemplo, de interferir na natureza, fazendo com que nos ofereça processos ou fenômenos que por si só ela não poderia realizar, como a explosão nuclear ou bomba atômica. É certo que essa força atômica pertence à natureza, mas ela precisa ser mais do que desvelada, essa força precisa, sobretudo, ser apropriada e manipulada pelo homem para chegar a efetivar-se como explosão.

No artigo “Uma Carta”³, em resposta ao professor japonês Takehiko Kojima, Heidegger discorre sobre como esse processo de intervenção da técnica moderna se dá, e mais, como ele acaba por se tornar um método, que não apenas regula as nossas intervenções na natureza, mas se estende também para as intervenções em todos os eventos humanos, culturais e históricos. Tal processo se torna o modo habitual e cotidiano através do qual nos referimos e lidamos com o mundo e conosco mesmos. Esse novo modo de ser cotidiano é determinado pela técnica moderna.

A técnica, assim, teria se convertido no apelo fundamental que convoca o homem contemporâneo a se dirigir para sua realidade e sua existência. Como exemplo, podemos descrever o processo de produção, modelar, da energia elétrica que a técnica moderna opera.

O primeiro passo dessa operação é o desvelamento, semelhante à técnica antiga. Trata-se do desocultamento da energia contida numa queda d’água. Trata-se de por à luz algo que sempre esteve aí mas não havia sido des-encoberto.

O segundo passo do processo técnico moderno começa a se des-

3 Martin Heidegger – Uma Carta in *O Fim da filosofia ou a Questão do Pensamento*, Duas Cidades, SP, 1972, trad. Emildo Stein.

viar da técnica antiga, pois sua intenção é o apoderamento dessa energia descoberta. A energia desvelada precisa, então, ser isolada do seu ambiente de origem. É como se pudéssemos enfiar a mão na água e retirar dela essa energia.

O terceiro passo implica em poder estocar essa energia isolada.

O quarto passo implica em transformá-la para poder ser aplicada, isto é, distribuída e utilizada

O quinto passo mira o próprio processo. É preciso que ele possa ser repetido igualmente e indefinidamente. Portanto, trata-se de se assegurar a possibilidade de calcular e repetir o processo sempre que necessário, mantendo a energia descoberta na queda d'água, tal como o processo de apropriação e manipulação da mesma, sempre disponíveis.

A técnica moderna, segundo Heidegger, tem por finalidade e estrutura, o cálculo e o controle, ou, o asseguramento da intervenção e seus resultados.

Este comportamento técnico moderno não se destina apenas aos fenômenos naturais, mas à compreensão e ao trato de todas as questões com que o homem contemporâneo tem que lidar, sejam eles religiosos, de saúde, pessoais, amorosos, educacionais etc. O processo da técnica moderna é e deve permanecer sendo universalizado, ele necessariamente tem que servir a tudo e a todos indiferentemente.

A atenção voltada à elaboração e asseguramento do processo de intervenção é a tônica basilar de nossa época. Através da técnica moderna o ser nos faz, contemporaneamente, apelo, a ele correspondemos docilmente.

A técnica moderna, enquanto apelo do ser atual, segundo Heidegger nos fala não só através da processualização do existir, mas também se manifesta e se preserva em todos os objetos e equipamentos provenientes, ao mesmo tempo que constituintes, desse mesmo processo e apelo.

Os objetos pertencentes à técnica povoam nosso mundo cotidiano e apresentam-se sempre já disponíveis para o manuseio. Manuseando-os, colocamos em andamento o próprio processo que os gerou. Usar os produtos da técnica é atualizar, dar vida à própria técnica. Como exemplo, Heidegger cita um avião na pista de um aeroporto. Ele está lá pronto e à nossa disposição para uso, mas usá-lo não é apenas permitir que o equipamento funcione, mas deixar-ser tudo o que o próprio equipamento suscita e faz ser, como o modo da viagem, a velocidade, os riscos e as vantagens que, à diferença de uma bicicleta, por exemplo.

Ao utilizar o avião somos sugados pelo universo que ele próprio vige e nos propõe, o universo do qual ele emerge e apenas no qual ele pode ser o que ele é. O mesmo acontece com qualquer outro equipamento (micro-ondas, celular, computadores...) cuja origem é a técnica em sua essência e apelo. Usar um micro-ondas, é igualmente, ser tragado pelas possibilidades e limites que esse equipamento configura. A técnica, portanto, é a proposta de um modo de ser. O do cálculo que se assegura e do controle. Repetindo, esta convocação do ser como técnica se disponibiliza e conserva em todas as coisas e condições da vida cotidiana.

Vista a técnica como apelo do ser que nos requisita para um certo modo de ser, a atual e corriqueira interpretação vigente entre nós de que a

técnica é instrumental, cai por terra. Tomar a técnica como um puro meio para se atingir um fim, ou seja, como um instrumento ou uma ferramenta neutra e dócil aos nossos propósitos e intenções, é uma interpretação ingênua e falaciosa.

Enquanto hodierno apelo do ser, a técnica nos convoca e traga, segundo Heidegger. Através dos seus equipamentos e instrumentos, a técnica que nos fala a partir da sua própria essência⁴. Ela é a armação, a estrutura na qual o existir contemporâneo acontece e para a qual somos requisitados.

Nos encontramos, então, diante da condição ética inerente à própria técnica. O apelo da técnica dirigindo-se, como modo de ser, a todos os homens que vivem nesta época, se perfaz como o *ethos* do homem contemporâneo. Correspondendo aos apelos da técnica nos tornamos, nós mesmos, técnicos. Ela se torna a dimensão ontológica de nossa própria humanidade, nossa possibilidade e nosso limite.

A condição ética da técnica se manifesta na dinâmica do seu próprio acontecimento: interferir, processualizar, calcular, assegurar, controlar o real... Estas estruturas essenciais da técnica, como aponta Heidegger, desenvolvem-se sob a forma de um exercício de dominação. A técnica se perfaz enquanto dominadora. Todo saber intervir com que a técnica nos municia, é um saber dominador. Submeter-nos ao *modus operandi* da técnica e seus equipamentos é não apenas nos deixar dominar por ela,

⁴ A expressão “essência” usada por Heidegger em todos os seus textos, não tem o sentido de quiddidade, de natureza ou substância, tal como a filosofia tradicional, ou a metafísica, como o próprio Heidegger a define, a utiliza corriqueiramente. O termo se refere ao vigor em que algo se mantém em seu próprio acontecimento, ao vigor de algo em seu estar sendo.

mas nos tornarmos dominadores. Unificamos nossas possibilidades de interação com tudo o que há na medida própria da técnica.

Me permito invocar uma experiência pessoal para esclarecer o domínio da técnica e desconstruir a ilusão de que temos o controle sobre ela. Mudei de um pequeno apartamento para um outro bem mais amplo, com cozinha grande e acolhedora, que pedia um fogão maior do que o *cooktop* de duas bocas que eu utilizava. O novo fogão estava instalado e convidando a ser usado. Eu não tinha o hábito de cozinhar, nem sabia. Disponha mesmo era do microondas e dos alimentos congelados que comprava. Mas acabei por aceitar, ainda que pouco convicta, o convite que o fogão e a cozinha me faziam. Comecei a escolher e comprar alimentos frescos, a ter que lavá-los, picá-los, a sentir o odor que liberavam enquanto coziam, a experimentar o desejo sensorial e não apenas imaginário do prato em preparação, a ter que dispor de tempo para aprontar a comida, a reparar na cor e no sabor dos alimentos, a buscar receitas, experimentar temperos, a prestar atenção na relação entre alimentos e saúde... Também começou a fazer sentido convidar amigos para jantar comigo em casa e experimentar o prazer de cozinhar para eles, deixando de lado os restaurantes. Enfim, abandonando o pequeno fogão e o microondas, fui me transformando numa pessoa capaz de desejar e de ter prazeres sensoriais e modos de ser antes adormecidos. Eu me tornara mais atenta, mais capaz de apreciar, de admirar, de participar do aprontamento de muitas coisas mais além de cozinhar, de perceber diferenças. Descobri talentos culinários e estéticos que eu não imaginava que tinha. Dois tipos de equi-

pamentos me moldavam diferentemente. Eu era uma pessoa diferente sob o domínio de cada um deles.

Se essas mudanças e embotamentos podem acontecer conosco no simples ato de cozinhar, em todas as outras dimensões da vida sucede o mesmo. Pensemos no vestir, na locomoção, nas interações pessoais, na TV, no carro, no celular, no computador... Sem nossa submissão ao equipamento ele não funciona. Para que ele nos dê o que queremos, precisamos nos submeter antes a ele. E funcionando, o equipamento nos dá o que imediatamente queremos mas... na sua própria medida.

O instrumento modela nossos sentidos, nossos sentimentos, nossos hábitos, nossos projetos e possibilidades, enfim, nosso modo de ser. Os instrumentos de que nos servimos, portanto, não são meios inócuos para conseguirmos fins específicos, mas nos submetem. Portanto, a técnica e seus equipamentos interferem e esculpem nossa humanidade e singularidade, segundo sua própria essência e medida.

E aqui tocamos na problemática ética da técnica. No ver de Heidegger, aquilo que aparentemente nos salva, porque nos ajuda a lidar com nossos negócios e situações e resolvê-los, é também o que nos ameaça. A técnica, como um modo de ser dominador, é ela mesma um modo de desvelar e intervir no real fundada no controle e no cálculo assegurador que nos traga e determina. Como tal, desconhece a liberdade do ser e ignora que nossa humanidade não se conforma à sua essência, unicamente, mas pode o que a técnica, ela mesma, não pode jamais: ser tocada pelo ainda não dito do ser, por seu mistério e ineditismo.

Impondo-se sobre nós, o perigo que vem da técnica e nos ameaça é o do embotamento desse poder de escutar o não dito. É nessa condição ontológica de ouvir e corresponder aos apelos do ser – ditos e não ditos -, que nossa humanidade se institui e manifesta. Ouvir e corresponder apenas aos apelos da técnica e desatentar dos não ditos da técnica, é a ameaça que nos ronda, isto é, perdermo-nos de nós mesmos.

A saída entrevista nas considerações de Heidegger não é a de destruímos a técnica. A problemática se apresenta como questão para o pensamento, para o pensador: desvelar a essência da técnica e descortinar nossa própria essência de homens, e daquela essência enquanto determinados pela essência da técnica. O problema para o pensador é por em questão a essência da técnica em sua relação com a essência do homem.

Este pensar desvelador em nada tem a ver com o controle e a dominação, mas é um pensar libertador, à medida que ele próprio dá liberdade ao que se oculta sob o fascínio da técnica e sob a ilusão de poder que dela emerge.. Para Heidegger, o pensador tem um papel fundamental nesse processo de libertação, enquanto pode nos fazer ver o apelo da técnica e nos permite, assim, corresponder a ela e não apenas responder a ela tal qual ela nos chama.

Deixando-ser a essência da técnica, o pensador pode preparar a escuta do inaudito, que a voz da técnica emudece. Parece que Heidegger entrevê, através da escuta do inaudito, a voz do sentido de ser se pronunciando, enquanto que, sob o domínio da técnica, estamos muito afastados do pensamento do sentido.

O desvelamento da essência da técnica deveria liberar a compreensão do sentido. Qual o sentido que existir e ser nos propõe hoje? O que dá sentido para o ser, hoje? Quais os apelos do ser que estão encobertas pela técnica e que, ouvidos, poderiam nos convocar para uma nova época da verdade do ser? Deixar falar a voz do inaudito seria, parece, um por-nos a caminho da salvação.

É o que sobra para a reflexão, como tarefa para o pensamento.

Referências Bibliográficas

AMARTIN HEIDEGGER _O Fim da filosofia ou a Questão do Pensamento, Duas Cidades, SP, 1972, trad. Ernildo Stein.

_____ Sobre a Essência da Verdade, SP, Duas Cidades, 1970, trad. Ernildo Stein

_____ Cartas sobre o Humanismo, Tempo Brasileiro, RJ, 1967, trad. Emmanuel Carneiro Leão.

_____ Ensaios e Conferências, Ed. Vozes, Petrópolis, 2002, trad, Emanuel Carneiro Leão

_____ Sendas Perdidas, Ed. Losada, B. Aires, 1960, trad José Rovira Armengol, 3^a. Ed.